


**Religião e significado:
entre “O mito de Sísifo” e “Em busca de sentido”.**

**Religion and meaning:
between “The myth of Sisyphus” and “In search of meaning”.**

Marcos Paulo Fonseca da Costa¹

 <https://doi.org/10.23925/ua.v25i40.57312>

Resumo

A religião confere sentido à existência humana. Essa afirmação é um tipo de ponto pacífico entre cientistas da religião, filósofos que se ocupam com a religião e correntes psicológicas de abordagem existencial. Entretanto, outros autores reconhecem que, fora do âmbito religioso, pode-se também fazer experiências de sentido. Entre as várias respostas que podem ser dadas pela religião e pela filosofia, encontra-se a chamada corrente da absurdidade, cujo formulador e divulgador mais eficiente foi Albert Camus, mesmo tendo sido influenciado por expoentes como Nietzsche, Kierkegaard e o próprio Sartre. Ao contrário de Camus, que não enxergava qualquer sentido na existência humana, mas que nem por isso propunha o suicídio, o psiquiatra Viktor Frankl entendia o ponto nevrálgico da vida humana exatamente como a busca por sentido. Este artigo tem por objetivo cotejar os pensamentos de Camus e de Frankl a partir de seus ensaios mais conhecidos a respeito da existência. “O mito de Sísifo”, camusiano; e “Em busca de sentido”, de Frankl. Embora Camus apresente compreensão individualista do sentido e da ausência do sentido, sua reflexão ainda é expressiva para hoje. Por outro lado, Frankl mostra abertura para as influências que a sociedade exerce sobre a pessoa. Essa perspectiva de Frankl, nesse âmbito, acaba se mostrando mais ampla do que a de Camus.

Palavras-chave: Religião; Absurdo; Sentido da vida; Albert Camus; Viktor Frankl.

¹ Mestre em Ciências da Religião (UNICAP),  0000-0003-4606-1506, marcos.2020601044@unicap.br.

Abstract

Religion gives meaning to human existence. Manifest essay is a kind of point of philosophers of religion, philosophers who are with a religion and psychological currents of existential approach. However, other authors recognize that, also outside the scope of knowledge, one can experience experiences of meaning. Among the various answers that can be given by religion and philosophy, there is the so-called current of absurdity, whose most efficient formulator and disseminator was Albert Camus, even though he was influenced by exponents such as Nietzsche, Kierkegaard and Sartre himself. Unlike Camus, who did not see any meaning in human existence, which was not proposed or understood as the man understood as Viktor Frankl, the neuralgic point of life, exactly as the search for meaning. This article aims to compare the ideas of Camus and Frankl from their best-known essays on existence. "The Myth of Sisyphus", Camusian; and "In Search of Meaning", by Frankl. Although Camus presents an individualistic understanding of meaning and the absence of meaning, his reflection is still expressive for today. On the other hand, Frankl shows openness to the influences that society exerts on the person. Frankl's perspective, in this context, turned out to be broader than Camus's.

Keywords: Religion; Absurd; Sense of life; Albert Camus; Victor Frankl.

Introdução

Não é novidade para os envolvidos com estudos e leituras antropológicas que a filosofia tem se ocupado da chamada “condição humana”. Dentro dessa pauta existencial aparece a questão do sentido da vida² e a inseparável angústia de tipo para quê. Entre as várias perguntas que surgem quando se aborda o problema do sentido estão: para que serve a existência humana? O ciclo biológico do nascer, crescer, reproduzir e morrer possui algum propósito divino ou pelo menos transcendente? Neste artigo, transcendente significa aquilo que ultrapassa o próprio indivíduo; pode ser a direção para a arte, para a ciência, para a religião ou até mesmo para alguma pessoa ou qualquer outra atividade. Por que viver ao invés de suicidar-se?

A religião foi, por séculos a fio, a única entregadora de sentido para pessoas e sociedades. Entretanto, com o advento da filosofia, começa a haver competição para explicar a vida social e a realidade física que circunda as pessoas. A entrega de sentido amplia-se bastante.

Este artigo se propõe a trazer uma contribuição para o debate sobre o sentido da vida nos seguintes termos: de um lado, a filosofia da religião, com sua abordagem ampla porém aguda do fenômeno religioso; de outro lado, a psicologia, por seu trabalho de muitas vezes tentar minorar os efeitos – às vezes letais - da falta de sentido na vida de pessoas.

A reflexão aqui, então, será levada a cabo a partir do ensaio filosófico “O mito de Sísifo³”, do filósofo Albert Camus⁴, para quem o único problema filosófico consistente é o

² “Não vida no sentido biológico, mas no sentido banal e corriqueiro como falamos de vida, de ‘nossa vida’ [...]” (FOGEL, 2009, p. 112).

³ “Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar um rochedo incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía de novo por seu próprio peso. Eles tinham pensado, com as suas razões, que não existe punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança” (CAMUS, 2020, p. 85).

⁴ Escritor e filósofo franco-argelino, nascido em 7 de novembro de 1913 na Argélia francesa e falecido em 4 de janeiro de 1960 na França. Autor de “O estrangeiro” e “A peste”.

suicídio, e da obra “Em busca de sentido”, do psiquiatra austríaco Viktor Frankl⁵.

Dessa forma, o desdobramento deste artigo vai dar-se da maneira que segue: primeiro, serão feitas considerações antropológicas sobre a existência, a partir de Fogel (2009), Grondin (2012) e Rabuske (2001); fincadas as bases da chamada condição humana, passa-se a explorar a perspectiva aberta por Grondin (2012) de que as filosofias do absurdo podem, além da religião, oferecer ao ser humano possibilidades de sentido; tal exploração será feita mediante estudo da obra “O mito de Sísifo”, de Albert Camus.

Por outro lado, o livro “Em busca de sentido” será também considerado. Sem deixar de perceber situações absurdas na existência, embora não se utilize dessa expressão, o psicoterapeuta Viktor Frankl oferece um contraponto à visão puramente absurda de Camus; para Frankl o ponto focal da existência humana é justamente a busca de sentido para viver. Em apoio ao entendimento de Frankl é aberta uma perspectiva sociológica mediante Berger & Luckman (2012), os quais exploram a relação entre sociedade e sentido da vida. Após o exame dos dois livros, realizar-se-ão as considerações finais.

1 Aspectos antropológicos

A existência humana carrega com ela características importantes com as quais o ser humano tem de coexistir, quer queira quer não. Além de a existência humana estar envolvida em circunstâncias comunitárias importantes - “O ser-no-mundo é inseparável do ser-com-outros” (RABUSKE, 2001, p. 39) -, o ser humano vem equipado com abertura para aspectos cognitivos e emocionais diferentes do resto da biota. Somado a isso, a potência que o ser humano possui de lembrar do que passou e de fazer expectativa do que virá, faz da vida humana uma vida *sui generis*, uma vez que

a experiência humana sempre está penetrada pela compreensão racional, pela avaliação volitiva e emocional, pela recordação do passado e pela antecipação do futuro (RABUSKE, 2001, p. 38).

⁵Psiquiatra austríaco fundador da Logoterapia, considerada a terceira escola de psicoterapia austríaca, ao lado da Psicanálise, de Freud, e da Psicologia do Desenvolvimento Individual, de Adler. Nasceu em Viena a 26 de março de 1905 e faleceu também em Viena em 2 de setembro de 1997.

Essa posição intermediária confere ao ser humano certa ambiguidade existencial: o que sou? Para que viver? Por que estou aqui? Quem me jogou neste mundo? Até onde se sabe, o *sars-cov 2* não se faz tais perguntas; até onde se sabe, os astros dançam em silêncio nos céus; até onde se sabe, somente os humanos têm consciência de si mesmo. “O homem é um ser de transcendência e um ser situado” (RABUSKE, 2001, p. 115).

Autores existencialistas, ao abordarem o problema da condição humana, defrontam-se com a questão do sentimento de inadequação do ser humano perante a indiferença do mundo, desconforto esse cujos nomes variam, podendo ser náusea, angústia, absurdo etc. Fala-se muitas vezes em dor para designar esse desconforto ôntico do ser humano (FOGEL, 2009, p. 121).

Além do desconforto espiritual⁶, é certo que as ameaças à integridade física e psicológica das pessoas também concorrem para as crises de sentido. Consoante Zilles (2011, p. 129), “O mal se nos apresenta como absurdo... Apresenta-se na forma da morte, do sofrimento, da miséria, da guerra, da insegurança e da violência”.

Grondin (2012) provoca a inteligência e a imaginação ao expor que existem formas de conseguir sentido para a vida. A religião certamente é uma delas e é a fonte de sentido mais antiga de que se tem ouvido falar. Zilles (1991, p. 6) entende que “pode caracterizar-se o religioso como zona de sentido da pessoa... A religião tem a ver com o sentido último da pessoa, da história e do mundo”.

Contudo, o próprio Grondin (2012) reconhece que existem outros modos de tentar responder ao problema do *quid* da existência humana. A angustiante pergunta sobre o sentido do viver humano interessa à filosofia quase desde sempre. A filosofia nesse sentido concorre com a religião na tarefa de explicadora de sentido⁷.

Três soluções ao problema do sentido são apresentadas por Grondin (2012, p. 8), pois para ele:

⁶ Expressão utilizada neste trabalho sem nenhum conteúdo religioso. “A palavra ‘espírito’ vem do latim *spiritus*, uma tradução do termo grego *pneuma*, que significa ‘respirar’” (HARRIS, 2015, p. 15). Kant também a utiliza assim.

⁷ Importante frisar que os tipos de resposta à questão, de acordo com Berger e Luckmann (2012), dependem do tipo de sociedade de que se é partícipe em dada circunstância histórica.

Só existem três respostas possíveis à difícil, mas gritante, questão do sentido da existência: 1. As respostas religiosas ou espirituais no sentido amplo (...) 2. As respostas seculares mais recentes (...) 3. Enfim, podemos encontrar 'respostas' à questão do sentido da vida que consistem em dizer que a vida não tem sentido...que ela é absurda...Resposta desiludida, lúcida por alguns lados, porque ela apreendeu a plena dimensão do mal e do incompreensível sofrimento da existência, mas que não responde verdadeiramente à questão: por que vivemos (GRONDIN, 2012, p. 8)?

Embora Grondin (2012) não veja na filosofia do absurdo a melhor resposta para o sentido da vida humana, ele concede a ela um mérito fundamental: a de que essa filosofia captou feições importantes da existência, tais como a incompreensibilidade do mal e do sofrimento humano. Parte do interesse desta investigação está precisamente aqui – a resposta do niilismo mitigado de Albert Camus ao problema da existência humana –, cujo traço principal, adianta-se, é a afirmação da vida e a rejeição do suicídio.

2 O mito de Sísifo

O escritor franco-argelino Albert Camus foi um dos advogados da ideia de que a vida pode ser vivida sem buscar apoio na religião e nem em nenhum outro modo de esperança (BISPO & ROSA, 2013, p. 2).

“O mito de Sísifo” é a obra na qual Camus explica de forma sistemática o conceito do absurdo e, em face da total ausência de sentido da existência, informa desde logo o propósito do ensaio – responder se vale à pena abreviar ou não a própria vida. Para ele o único problema filosófico relevante é o suicídio. Ele inaugura a reflexão com o já famoso dito:

Só existe um problema filosófico realmente sério: é o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo tem três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, aparece em seguida. São jogos (CAMUS, 2020, p.7).

Ele não se atrai pelo que ele chama de “jogos”. Para Camus, certas abstrações não passam de distração e de diversionismo. Por isso, o filósofo vai ao cerne daquilo que lhe interessa: vale à pena viver essa vida que se tem? Todo o livro gira em torno desta pergunta e da resposta que se pode dar a ela.

Eu nunca vi ninguém morrer pelo argumento ontológico... Se é a Terra ou o Sol que gira em torno um do outro é algo profundamente irrelevante... Em compensação, vejo que muitas pessoas morrem por achar que a vida não vale a pena ser vivida.... Julgo, portanto, que o sentido da vida é a questão mais decisiva de todas (CAMUS, 2020, p. 8).

Morfologicamente, Camus (2020, p. 7) usa a palavra absurdo ora como adjetivo:

As páginas que se seguem tratam de uma sensibilidade absurda...”, ora como substantivo: “Mas é proveitoso observar, ao mesmo tempo, que o absurdo, tomado até aqui como conclusão, é considerado neste ensaio como um ponto de partida...

Em termos semânticos, todavia, o sentido é o mesmo – não há finalidade na natureza; o universo é silente; a vida humana não possui nenhum propósito especial. “O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio despropositado do mundo.” (CAMUS, 2020, p. 24). A abordagem do filósofo franco-argelino é estritamente voltada para o indivíduo; ele chega inclusive a desdenhar do componente social nas decisões pessoais⁸.

[...] Aqui se trata, para começar, da relação entre o pensamento individual e o suicídio. Um gesto como este se prepara no silêncio do coração.... Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo (CAMUS, 2020, p.8).

Camus passa a se deter no conceito de absurdo e vai delineando o que pensa

⁸Embora não se concorde com essa perspectiva reducionista de Camus, entende-se que sua contribuição para analisar o sentido da vida ainda é relevante hoje.

sobre o tema. E ele começa descrevendo o que chama de inutilidade dos hábitos e da vida, reconhecendo que haveria, em tese, razões para desistir voluntariamente da vida. Assim ele vai construindo seu argumento *ad absurdum* para a suposta aquiescência ao suicídio. “O assunto deste ensaio é precisamente essa relação entre o absurdo e o suicídio, a medida exata em que o suicídio é uma solução para o absurdo” (CAMUS, 2020, p. 9).

Exílio, divórcio, inadequação são termos utilizados por Camus para explicar o sentimento do absurdo. Ele é muito intuitivo nos exemplos e desenvolve todo o ensaio com ilustrações familiares para que se entenda seu pensamento. “Esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é que é propriamente o sentimento da absurdidade (CAMUS, 2020, p. 9).

Esse desconforto diante da inumanidade do próprio homem, essa queda incalculável diante a imagem do que nós somos, essa “náusea” como a denomina um autor dos nossos dias, é também o absurdo (CAMUS, 2020, p. 15).

Todavia, o autor de “O estrangeiro” começa a desistir da ideia de que o suicídio seja boa opção na vida, mesmo em face do absurdo. Primeiro, ele apela ao instinto de sobrevivência: “No apego de um homem à vida há alguma coisa de mais forte que todas as misérias do mundo” (CAMUS, 2020, p. 10). Depois, Camus recorre à lógica:

Não é à toa que até agora fizemos trocadilhos e fingimos acreditar que recusar à vida um sentido conduz necessariamente a declarar que ela não vale a pena ser vivida. Na realidade, não há nenhuma correspondência obrigatória entre esses dois julgamentos (CAMUS, 2020, p. 11).

Para Camus, não se deve tentar escapar do absurdo; o absurdo se vive e se enfrenta; nem a esperança nem o suicídio são alternativas à altura da absurdidade. Uma vez posta a questão – matar-se voluntariamente ou prosseguir nesta vida absurda –, que resposta a ela oferece o filósofo? Não obstante conheça a dialética entre o desejo de saber do ser humano e o silêncio do mundo, Camus entende que a existência deve prosseguir e que a única atitude acertada diante da absurdidade, é a revolta. Revoltar-

se é conviver com o absurdo, sabendo dizer “não” quando oportuno e viver uma vida responsável por cada atitude tomada; a culpa, contudo, não é bem-vinda ao homem absurdo (CAMUS, 2020, p. 51).

O homem absurdo só enxerga grandeza moral na vida a partir do reconhecimento da absurdidade, cuja realidade e aceitação não lançam o homem necessariamente no abismo da morte voluntária.

Assim, eu extraio do absurdo três consequências que são minha revolta, minha liberdade e minha paixão.... Transformo em regra de vida o que era convite à morte - e recuso o suicídio (CAMUS, 2020, p. 48).

Somente no absurdo, o homem alcança liberdade plena.

Pode-se dizer com segurança que a questão principal de “O mito de Sísifo” é: absurdo, escapar dele pela morte voluntária ou pelas diversas esperanças ou nele permanecer e viver a grandeza da existência? Entretanto, nota-se que até o momento não houve menção alguma a Sísifo. É porque Camus o deixou como *Gran finale*. A ideia de sentido envolve ação com finalidade e com valor (SIMÕES, 2009, p. 3). Decerto, a labuta de Sísifo é cheia de finalidade; ele deve levar a pedra ao cimo não importa se ela desce ladeira abaixo tão logo alcance o ponto mais alto. Para Sísifo, contudo, rolar a pedra é ação desprovida de valor; daí o absurdo na existência de Sísifo.

É na tarefa sem propósito, na descida atrás do rochedo, no castigo sem fim a que está submetido que Camus enxerga o heroísmo de Sísifo e o compara à condição humana em face do absurdo. “A própria luta em direção aos cimos é suficiente para preencher um coração humano. É preciso imaginar Sísifo feliz” (CAMUS, 2020, p. 88). Não capitular diante desta vida, seja pelo suicídio, seja pela esperança, eis a única opção do homem absurdo.

O entendimento de Camus acerca da existência é demasiado individualista, como já explicado. Entretanto, maneiras que equilibrem o homem como ser situado socialmente e o homem como singularidade individual fazem mais justiça à realidade empírica cotidiana. Viktor Frankl, embora tenha um olhar ainda focado no indivíduo, realiza uma abertura para a influência coletiva sobre a pessoa na busca por sentido.

3 Em busca de sentido

O autor do ensaio autobiográfico que intitula este tópico é Viktor Frankl. Assim como Albert Camus, Frankl também se ocupa da condição humana e de situações-limite da existência. Em “Em busca de sentido”, Frankl não aborda diretamente o suicídio, porém vai ao encontro de circunstâncias fronteiriças que um ser humano pode suportar. Ao contrário de Camus, Frankl não entende a vida como privada de sentido; antes, ele o afirma e põe o sentido no centro de sua reflexão e de sua técnica psicoterápica, a logoterapia⁹.

O que se requer da pessoa não é aquilo que alguns filósofos existenciais ensinam, ou seja, suportar a falta de sentido da vida; o que se propõe é, antes, suportar a incapacidade de compreender, em termos racionais, o fato de que a vida tem um sentido incondicional (FRANKL, 2018, p. 142).

É curioso que, embora não se valha da expressão “absurdo”, Frankl enxerga perfeitamente situações absurdas na experiência humana, entretanto as respostas a esses limites serão bem diversas daquelas expressas pelo filósofo franco-argelino.

Pela maneira com que uma pessoa assume seu destino inevitável... revela-se, mesmo nas mais difíceis situações, mesmo no último minuto de sua vida, uma abundância de possibilidades de dar sentido à existência (FRANKL, 2018, p. 90).

Esse “destino inevitável” que Frankl verbaliza se aproxima do esmagamento do homem e da indiferença do mundo a que se refere Camus. Dessa maneira, Frankl vai, ponto a ponto, realizando a tessitura do que ele entende por sentido. Diferente de Camus, que realizou sua reflexão em tese, Frankl parte de vivência pessoal em campos de concentração sob o Nazismo.

⁹Terapia do sentido (*lógos*). “Um dos princípios fundamentais da logoterapia está em que a principal preocupação da pessoa não consiste em obter prazer ou evitar a dor, mas antes em ver um sentido para sua vida” (FRANKL, 2018, p. 137).

Esse fato traz pistas sobre os motivos por que Frankl se aproxima dos temas sobre a angústia humana. Camus, se por um lado, não se ocupa de maneira alguma com as ações passadas do ser humano, Frankl faz do passado a pedra de toque no garimpo da busca pelo sentido. “Nada pode ser desfeito, nada pode ser eliminado; eu diria que *ter sido* é a mais segura forma de ser” (FRANKL, 2018, p. 144). Se Camus olha para o presente e para as consequências dos atos nele praticados, Frankl vê nas ações passadas o maior tesouro da pessoa. “É com orgulho e alegria que ela pode pensar em toda a riqueza contida nessas anotações, em toda a vida que ela já viveu em plenitude” (FRANKL, 2018, p. 145).

Viver a melhor vida possível, com coragem moral, respondendo aos desafios que são muitas vezes impostos pela vida de cima para baixo; tudo isso é o que faz do passado a chave para o encontro como sentido.

Em vez de possibilidades, realidades é o que tenho no meu passado, não apenas a realidade do trabalho realizado e do amor vivido, mas também a realidade dos sofrimentos suportados com bravura (FRANKL, 2018, p. 145).

A importância do passado em Frankl está justamente na atitude presente; no comportamento que se tem diante da vida e das circunstâncias concretas de cada um. Viver de forma combativa e responsiva confere à pessoa a segurança de que fez o melhor em cada momento. A cada ação a pessoa responde com uma reação compatível, evitando sempre que puder a tibieza moral.

Frankl só pode chegar ao entendimento do passado como chave do sentido humano em função de *como* se vive e de *como* se pode responder aos desafios cotidianos do hoje. Respostas adequadas devem ser dadas a cada problema de *per se*. Ao contrário de Camus que, ao menos em “O mito de Sísifo”, não se ocupa da influência social sobre o agir humano, Frankl reconhece a importância de o homem sair de si mesmo, a partir do que ele dá o nome de “autotranscendência”.

[...] Quero salientar que o verdadeiro sentido da vida deve ser descoberto no mundo, e não dentro da pessoa humana ou de sua psique, como se fosse um sistema fechado. Chamei essa característica constitutiva de ‘a autotranscendência

da existência humana'. Ela denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar (FRANKL, 2018, p. 135).

Interessante notar a abertura do pensamento de Frankl para esse componente maior do que o próprio ser humano e do qual o ser humano não pode escapar (não há referência aqui a determinismo, mas a contextos culturais). Nesse sentido, o pensamento de Frankl está bem assentado em considerações sociológicas, como as de Berger & Luckman (2021) "A vida... está repleta de múltiplas sucessões de agir social e é somente neste agir que se forma a identidade pessoal do indivíduo" (BERGER & LUCKMAN, 2012, p. 17). A importância desse componente é central: a influência que as reservas de sentido sociais exercem sobre o comportamento, sobre a maneira de enxergar o mundo e sobre o modo de responder aos dilemas que aparecem (BERGER & LUCKMAN, 2012, p. 19).

Considerações finais

As reflexões tanto de Camus quanto de Frankl apontam para a questão antropológica discutida por Grondin (2012), Fogel (2009) e Rabuske (2001). Há no ser humano algum tipo de falta. Existe uma inadequação fundamental entre o homem e o mundo. Para enfrentamento dessa privação radical, o ser humano tratou de propor respostas e de criar mecanismos de dação de sentido. As reservas históricas de sentido amalgamadas socialmente dão sustentação para o ser humano não se deparar com o chamado horror da anomia, consoante Berger e Luckmann.

Tais reflexões são parte de uma expressão legítima em ciências das religiões. Uma vez que nelas, a pesquisa não precisa estar vinculada a nenhuma fé particular e nem imbricada a nenhum dogma. Nas ciências das religiões, o ponto de partida deve ser a sociedade concreta, seus símbolos e a reflexão filosófica.

Nesse contexto, a resposta de Camus aos fatos que ele batiza de absurdo ou absurdidade é pertinente e ainda atual, embora este filósofo (2020) ignore, na obra analisada, a importância do fator social.

Camus defende que não se deve escapar do absurdo, seja por intermédio da retirada voluntária da própria vida, seja por meio da esperança. Nenhuma esperança, nem no além das religiões, nem no aquém das artes. Toda forma de busca de sentido implica restrição de liberdade. Só se tem uma vida ética autônoma ao se reconhecer e se lançar no absurdo.

Agir em função de salvação eterna, por imperativos categóricos, ou qualquer outro modo de esperança, diminui o ser humano. A grandeza do homem se dá apenas na consciência da absurdidade e em ações individuais responsáveis que, no máximo, podem servir para eventuais ajustes em atitudes futuras.

Por outro lado, em Frankl e em sua logoterapia, o passado é alçado à realidade. Conforme o psicoterapeuta, a vida deve ser empreendida com coragem, respondendo às diversas ações que a existência impõe aos viventes. Dessa maneira, por se viver uma vida que procura ser autêntica e corajosa, pode-se ter a certeza de que a vida valeu à pena e de que os atos da pessoa estão “grávidos” de sentido.

Portanto, o passado, os atos acabados que fazem parte do patrimônio moral do ser humano e que são a verdadeira nuvem de testemunhas do existente, garantem ao ser humano o sentido. Sentido este que não está simplesmente no passado de forma autômata e mecânica; não! O sentido está no passado de todas as pessoas que sabem que fizeram o melhor possível nas circunstâncias dadas e de cujas atitudes não há arrependimento e nem certeza de que houve tibieza moral.

A filosofia do absurdo, como bem entende Grondin (2012), possui o mérito de ter uma visão crítica da existência e de reconhecer a implacabilidade do mal, o que se harmoniza com um dos pontos de partida das ciências das religiões. A absurdidade suspeita que, ao final, não há teodicéia engenhosa e nem apologética sofisticada que dê conta de resolver a inequação incômoda que tenta relacionar o deus bom e todo-poderoso com a presença do mal no mundo e com a miséria humana.

Já Frankl, mesmo sem recorrer necessariamente à religião, aposta no sentido da vida mediante apego a algo que ultrapasse a própria pessoa: o amor, uma atividade profissional, a arte etc. Esse conjunto de atos incorporados ao repertório de vida da pessoa, quando esta chega ao fim da existência, confere sentido a toda uma vida.

Referências

- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno*. 3. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2012.
- BISPO, Milene Fontes de Menezes; ROSA, Roberto Sávio. O Mito de Sísifo: A decisão de viver ou suprimir a vida. *Revista de Filosofia da UESB*, p. 18-26, 2013. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando/article/view/2134>. Acesso em: 2 ago. 2020.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Disponível em: <http://bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br/services/e-books/Albert%20Camus-2.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- FOGEL, Gilvan. *Que é filosofia? Filosofia como exercício de finitude*. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2009.
- FRANKL, Viktor E. *Em busca de sentido*. 44. ed. São Leopoldo-RS: Sinodal; Petrópolis-R: Vozes, 2018.
- GRONDIN, Jean. *Que saber sobre filosofia da religião*. Aparecida-SP: Ideias e Letras, 2012.
- HARRIS, Sam. *Despertar: um guia para a espiritualidade sem religião*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- RABUSKE, Edvino A. *Antropologia filosófica*. 8. Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- SIMÕES, Antônio et al. O sentido da vida: contexto ideológico e abordagem empírica. *Revista Psicológica*, p. 101-130, 2009. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/psychologica/article/view/1647-8606_51_8. Acesso em: 5 ago. 2020.
- ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- ZILLES, Urbano. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.

Submissão 04/02/2022

Aprovação 28/09/2022